

Rumo à missão com fidelidade ao “caminho”: análise da missão na ótica do caminho de Emaús

Joachim Andrade SVD¹

O futuro do passado está no presente.

O futuro do presente está no futuro.

O futuro do futuro está no passado

Portanto, tenha cuidado sobre seu passado.

(desconhecido)

1. Introdução

Entre todas as vocações na Igreja, a vocação para a Vida Religiosa Consagrada exige constante reflexão devido a sua própria natureza. Desde os tempos antigos até os contemporâneos ela é compreendida como o “caminho” para a santidade. O religioso era considerado como ‘peregrino’, ‘andarilho’ ‘renunciante’ ou aquele que sempre está a ‘caminho’. Ele nunca para, pois o religioso parado cessa de ser religioso. Portanto refletir sobre este “caminho” pela ótica do caminho de Emaús, nesta Assembleia Geral dos Religiosos, tem um profundo significado. Observamos que o mundo globalizado possui múltiplos focos, mas todos eles se encontram direcionados aos resultados imediatos. Estes focos se preocupam com as ‘partidas’ e com as ‘chegadas’ e não no tempo e espaço que se encontra entre partidas e chegadas. O caminho é o espaço entre as partidas e chegadas. A princípio, a opção pela vocação religiosa, é uma opção pelo caminho e não pelos resultados finais. Os resultados finais são as consequências do caminhar, quem caminha com fidelidade adquire melhores resultados. O caminho sempre é solitário, mas com o apoio do grande grupo que nós chamamos de religiosos. Caminhar é a forma mais radical da partilha da experiência. Dessa caminhada partilhada todos voltam transfigurados. A partir do caminho de Emaús, dar novos significados ao nosso caminho religioso missionário exige um olhar atento às três realidades: realidade da vida religiosa contemporânea, que se passa por uma transformação; realidade da Igreja, que está na fase de purificação e a realidade do mundo que se encontra em estado de vários desajustes.

¹. Joachim Andrade SVD, indiano, missionário do Verbo Divino, atualmente coordenador provincial radicado em Curitiba. Mestre em Antropologia Social pela UFPR e doutor em Ciências da Religião pela PUC de São Paulo. Atualmente é professor no Studium Theologicum e na Faculdade Vicentina em Curitiba. Também membro da equipe da reflexão missiológica da CRB nacional.

Embasando no Concílio Vat II, o Documento de Aparecida nos lembra da natureza missionária da Igreja (Dap 347), enraizada no mistério trinitário e no sacramento do batismo do povo de Deus. A CRB nacional também possui as experiências missionárias autênticas a partir do envio dos religiosos de diversas congregações, não somente ao Timor Leste, Moçambique e Haiti, mas também para diversas dioceses do interior do Brasil. Além disso, nos últimos 50 anos as compreensões da missão passaram por mudanças. Por exemplo, o conceito da missão ad gentes passou para missão inter-gentes; do diálogo inter-religioso ao diálogo inter-espiritual. Missão nos territórios distantes, devido à realidade da multi-culturalidade, se torna conhecida como missão além-fronteiras. Dentro desse novo paradigma o caminho do retorno dos discípulos de Emaús a Jerusalém traz novas luzes e compreensões e oferece novas motivações ao nosso trabalho missionário.

Portanto, pretende-se neste pequeno texto abordar num primeiro momento as três realidades acima mencionadas. No segundo momento queremos refletir o caminho da missão pela ótica do caminho de Emaús, focando a realidade das congregações no tempo contemporâneo. Por fim queremos apresentar três imagens que poderão servir como fio condutor para o nosso caminho da missão.

2. Três realidades

2.1 Vida religiosa em transformação

Lançando um olhar na vida religiosa percebemos que muita coisa passou pela transformação. Aquelos tempos de vacas gordas das vocações não existem mais. As utopias e os grandes referenciais de sentido desapareceram; surgiram as múltiplas fontes de sentido com o catolicismo fundado em escolhas pessoais gerando assim a grande diversidade de experiências religiosas. As instituições religiosas exigem inúmeros requisitos dos que desejam entrar, mas não há como integrar-se nelas. Além disso, os jovens vivem sua fé da criatividade e da informalidade. Eles não conseguem se definir, estão tranquilos com o seu modo de ser, nada é permanente, tudo é passageiro. Se ninguém entra, a congregação morre, se qualquer um entra, a congregação enfrentará a dificuldade de conter esses membros.

É bom observar outro elemento, onde os membros das congregações passam pela crise de duplo vínculo: fidelidade ao carisma e fidelidade à realidade. Sabemos que não há fidelidade ao Evangelho sem fidelidade à

realidade. Portanto estão buscando novos horizontes para achar a saída e se adequar aos nossos tempos, sem perder o contato com o carisma e espiritualidade fundadora. Dentro desse contexto a análise sobre o caminho de Emaús poderá nos colocar no eixo do nosso seguimento missionário.

2.2 Igreja em purificação

A Igreja na fase de purificação pode ser visto em três setores: o declínio numérico dos católicos; crescente escândalos entre o clero e os religiosos e ausência da mística e da espiritualidade nos ambientes sagrados.

A Igreja católica representa 68% da população brasileira, um declínio relativamente acentuado. O que Deus quer nos dizer através desse decréscimo? Estão faltando ardor missionário, espiritualidade, empenho social? Faltam estruturas adequadas para o mundo de hoje?

O segundo elemento que deve ser notado seria o crescente escândalo entre o clero e religiosos que necessita uma purificação na Igreja. Parece que esse mal é universal, a princípio, questiona todo o fundamento da vocação para com a vida religiosa.

A ausência da experiência mística, falta de oração que é o terceiro elemento que apresenta o campo vazio da Igreja. Apego às estruturas, crise dos sacramentos, exclusão de casais de nova união remetem para uma urgência na reforma. Dentro desse contexto a clareza adquirida na mesa, ao partir o pão, os discípulos de Emaús nos fornecem certas orientações para assumir os novos rumos da missão.

2.3 Mundo em desajuste

Entrarmos no novo século percebemos que estamos sem bússola, pois nos primeiros anos do século XXI o mundo tem apresentado vários sinais de desajuste, e isso é visto em diversas áreas ao mesmo tempo: desajuste intelectual, desajuste financeiro, desajuste climático, desajuste geopolítico, desajuste étnico, desajuste familiar e desajuste religioso. As razões desse desajuste estão no dizer de Maalouf:

Desajuste intelectual caracterizado por uma torrente de afirmações identitárias que torna difícil qualquer coexistência harmoniosa e qualquer combate verdadeiro. Desajuste econômico e financeiro que leva todo o planeta a uma zona de turbulência de consequências imprevisíveis e é sintoma de uma perturbação de nosso sistema de valores. Desajuste climático, resultante de uma longa prática da irresponsabilidade. Desajuste geopolítico devido a concentração do

poder em algumas mãos que determinam como deveria ser o mundo (MAALOUF: 2011: 11).

O desajuste mundial também se reflete no campo religioso, inclusive dentro da própria Igreja, especialmente com os agentes da missão. A incoerência e incapacidade de adaptar-se aos novos tempos e ambientes deixou a Igreja sem apresentar uma bússola espiritual ao mundo; a falta de visão e sonhos deixou os agentes da missão sem rumo e sem ponto de referência. Então se iniciou o processo dentro da Igreja de buscar novos caminhos para se ajustar aos tempos atuais e apresentar uma bússola espiritual ao mundo.

3. O caminho da missão a partir da ótica do caminho de Emaús

Análise do caminho missionário atual na ótica do caminho de Emaús exige um olhar cauteloso sobre as três fases do relato: a fase da decepção dos dois no caminho para Emaús (Lc 24,13-27); a fase da refeição em Emaús (Lc, 24,28-31); a fase do júbilo no caminho do retorno à Jerusalém (Lc, 24, 32-35).

3.1 Fase da decepção

A primeira fase, da decepção, contempla uma viagem do centro para a periferia – Jerusalém a Emaús. Quando uma pessoa está fora do seu centro, perde o foco, a lucidez e a clareza dos propósitos em sua vida. Passa pelo desespero e sofrimento, "Nós esperávamos que ele fosse o libertador de Israel.....". Eles nem estão na periferia, nem no centro, mas estão no meio do caminho rumo à periferia, por isso perderam o foco, a dimensão real do centro e da periferia. Eles estão nem no centro, nem na periferia ou nem aqui nem lá. Não estar em nenhum lugar é algo perigoso, algo sério que necessita orientação.

Uma boa parte das Congregações está no meio do caminho, portanto perderam a lucidez da missão. Por isso passam pela crise. Enquanto os dois estão conversando sobre tudo que foi errado na vida e tentam dar novo significado e nova dimensão. Precisamente neste momento, os dois terminam em três, o ESTRANGEIRO vai acompanhando no caminho. As Congregações devem dialogar sobre suas decepções e encontrar o terceiro, um estrangeiro, no caminho para abrir novos horizontes da missão.

3.2 Fase da refeição

A segunda fase, a fase da refeição, começa na chegada à periferia em Emaús, e é realizada, principalmente, em silêncio. Aparentemente existem três cenas: A primeira é: O convite "fica conosco, pois já é tarde e a noite vem

chegando". O estrangeiro, primeiro parece querer continuar, mas depois de alguma insistência, aceita o convite. Ele quer ser convidado, ele não se impõe. A segunda é a refeição, o antigo gesto de partir e compartilhar. Este 'evento da refeição' não está em algum lugar distante, ou algo do passado distante. Está bem perto. Isso acontece em casa, na mesa da cozinha. Na terceira cena, o desaparecimento visível do terceiro e seu reconhecimento a partir dos olhos abertos. Até então o terceiro era estrangeiro e agora não é mais.

As Congregações não aprenderam a dinâmica de parar. O grande número dos religiosos é campeã de tecer a sequencia das atividades. A atividade frenética tira a dimensão do silêncio contemplativo. Como o religioso consegue elaborar a missão sem o silêncio contemplativo? Os religiosos devem sentar-se à mesa para comer juntos. Geralmente as nossas mesas assumiram o lugar da conversa sobre o membro que está ausente. A refeição é forma de mostrar a hospitalidade, dessa forma a refeição recebe a nova conotação. Na mesa da refeição o nosso rosto se torna reconhecível. O vínculo com a eucaristia mantém as congregações a se moverem para frente, buscando os novos campos da missão. Na história de Emaús toda a celebração da Eucaristia / última Ceia aparece. O serviço da palavra é a primeira fase da história. Lá, onde Jesus explica as Escrituras. Lá, onde o diálogo ocorre entre Deus e os seres humanos.

3.3 Fase do júbilo e retorno

A terceira fase, a fase do júbilo e de retorno, aponta para uma clareza dos objetivos, pois estão dispostos a voltar para o centro. O caminho do retorno não mais apresenta o perigo, mas traz a tranquilidade. Eles querem ir para a sua verdadeira casa, que não é mais Emaús, mas Jerusalém. E, independentemente se é à tarde, ou já noite, - ou tão perigosa estrada - não importará a eles. O júbilo veio somente quando eles passaram pelas experiências das fases anteriores, que eram necessárias.

O sentido missionário dos religiosos deve partir com a partilha do pão, onde cada congregação reconhece o seu carisma e o verdadeiro lugar da missão. Na mesa nós reconhecemos as fronteiras da nossa missão, onde todos são incluídos. Na mesma não existe centro e periferia, tudo se torna igual e reconhecemos o lugar da nossa missão. Partilhar com alguém daquilo que você mesmo experimentou, não importa quem e onde ele vive, se torna uma boa notícia para transmitir. Estes dois estão, na verdade, no topo. Parece um pouco de loucura. Eles não podem conter sua alegria. Então as pessoas fazem um

longo caminho de volta para o lugar da verdadeira vida. Para nossa própria Jerusalém, para a nossa própria casa, apartamento, quarto, onde a vida é vivida.

Analisando essas realidades tiramos algumas conclusões em relação à missão atual.

4. Três imagens como pistas concretas para a missão

4.1 Aprender tirar os sapatos

O primeiro aprendizado do missionário é que ele conheça o significado de tirar os sapatos no processo de ir à cultura do outro. "Tire as sandálias dos pés, por que o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado" (Êxodo 3:5) foi a ordem do Yahweh a Moisés. As sandálias representam o que está amoldado ao nosso pé, a forma que acompanha nosso feitio, nossos calos. A ordem de tirar as sandálias significa retirar de nós o habitual que nos envolve e reconhecer que a cultura onde estamos é sagrada. No processo de socialização na nossa cultura, habituamo-nos a determinados padrões e condutas que se tornam nosso sapato. Com esse sapato caminhamos pela vida. O sapato representa a proteção indispensável entre o ser e seu meio. Nesse processo, há uma importante interação entre os pés e o sapato. Este nos protege pela sola, mas para que cada passo seja confortável ao pé e para que ele não se desapegue é preciso que o corpo do sapato vá se ajustando à forma do nosso pé. O chão é o pavimento da vida e ele não se ajusta à nossa pisada. De tanto em tanto, temos que retirar o sapato e tocar o solo com a planta do pé.

Ser missionário significa estar em constante movimento. No nosso movimento como missionários, de uma cultura para outra, as nossas bagagens da cultura de origem se deslocam, como se fossem os apelos das aeronaves depois do pouso da aeronave na pista: "Cuidado ao abrir os compartimentos de bagagem, pois os objetos podem ter se deslocado durante a viagem". Na viagem missionária nada estará no lugar onde deixamos, pois as bagagens culturais, religiosas e familiares deslocam-se durante a viagem. Se nós carregarmos muitas bagagens culturais a deslocação será difícil. Durante a viagem o missionário aprende tirar os sapatos e com isto adquire a sabedoria: o que deve ser preservado e o que deve ser eliminado no processo de viagem de uma cultura para outra.

4.2 Aprender se tornar hóspede

O segundo aprendizado é a continuação do primeiro: saber se tornar um bom hóspede. O missionário, antes de tudo, é um hóspede que estabelece sua morada na casa do outro povo e de outra cultura. O hóspede, de modo geral, cria uma situação de dependência em relação ao outro. O hóspede tem como obrigação apreciar e aceitar o que é oferecido, qualquer que seja a oferta, pois está numa casa emprestada. Ser hóspede é uma condição necessária para o missionário no processo de viagem. Um bom hóspede sempre toma consciência de um simples saber: saber deixar e saber chegar. O missionário não deve ir a uma determinada cultura sem a disposição para o diálogo e para acolher o outro. Somente com essa abertura ele pode se tornar um bom hóspede em outra cultura. A Igreja deve oferecer os momentos adequados de reflexão aos missionários que se encontram em seus traslados de uma cultura para outra, para que possam adquirir a tranquilidade e tornarem-se bons hóspedes na casa dos outros.

4.3 Aprender entrar no jardim do outro

Todas as culturas apresentam o jardim como lugar de flores variadas e pequenas plantas que embelezam, principalmente, o lar das famílias ou das grandes cidades. O jardim é lugar onde se percebe a dificuldade de produzir uma bela flor e, ao mesmo tempo, sem esforço crescem as ervas daninhas. A beleza do jardim depende do capricho do jardineiro e também depende das forças da natureza e outros fatores que se encontram fora do seu controle que determinam o resultado final. A nossa imagem do jardim seria o "jardim cultural" onde em muitas culturas o status, identidade e o mundo de pensamento são associados à quantidade de flores e plantas no jardim. Enquanto o missionário tenta passar para um outro mundo cultural ele precisa ter a consciência do resultado teológico e as consequências que acompanham.

Se a atitude inicial de alguém é aquela que, a outra cultura é um "jardim" de *somente* "ervas daninhas", não teria muita consideração para o interesse de uma compreensão "cultural". Isso obviamente representa uma aproximação na *tabula rasa* -quer dizer, removendo tudo da nova cultura e/ou religião – que foi predominante durante muitos períodos na história da missão cristã.

Entretanto, se o missionário vê o mesmo jardim contendo somente as "boas sementes", uma posição que é teologicamente igualmente perigosa, ficaria suspenso no horizonte. Desse tipo de tendência, pode diluir o poder de

"corte" das boas novas para cada sociedade e fazer cultura ao invés do evangelho normativo. Em reação para uma perspectiva anterior, severa da tabula rasa, muitos missionários, se prenderam naturalmente para o extremo-oposto, de uma utopia, uma visão completamente romanizada da cultura.

Uma posição teológica apropriada, que eu poderia chamar de diálogo profético, cai entre os dois extremos e reconhece a presença de ambos: das "boas sementes" e das "ervas daninhas" em cada jardim. Obviamente, isso se aplica igualmente para a perspectiva teológica do missionário respeitando sua própria cultura. A visão unilateral do jardim do outro, como *somente* boas sementes ou, como *somente* ervas daninhas, certamente irá ter um impacto negativo sobre a atitude e tentativa de entrar no jardim do outro. Por tanto, missionários/ministros precisam ter cautela, pra não fazer o mesmo tipo de julgamento sobre aquilo que são "sementes" e os que são "ervas daninhas" no contexto onde eles servem. Alguém não iria andar no jardim de alguém e começar, por conta própria, arrancar tudo que parece uma erva daninha.

5. Lugar da missão na VRC no mundo atual

A narração de Lucas, o caminho de Emaús, é uma página exemplar para nos mostrar como o Senhor Ressuscitado é presente ainda hoje na nossa vida e como podemos encontrá-lo. Nesse conto se passa do "não reconhecer" (24, 16) ao "reconhecer" Jesus (24, 31) e desta forma desafia a Igreja a compreender e reconhecer Jesus apresentando um longo e demorado caminho de interiorização e discernimento. Podemos e devemos entender esse processo sob um dúplice olhar complementar: do ponto de vista do seguimento, identificando-nos com os discípulos de Emaús; e do ponto de vista da missão, identificando-nos com a prática de Jesus. Há um risco em vermos apenas no lugar dos discípulos, num sofrido caminho de revisão de nossas práticas e de nossas perspectivas; o de colocarmos, demasiadamente e narcisisticamente, ao centro da nossa própria atenção. Parece quase que todos os problemas da humanidade se conglomeram ao redor da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada em particular.

Se de um lado isso é verdade - pois o problema somos nós - por outro, devemos admitir que a humanidade espera da Igreja, e da Vida Religiosa Consagrada em particular, não um papel ranzinzo de quem se encurva sobre os próprios mal-estares, mas, e pelo contrário, o papel do companheiro que vem oferecer uma luz, revigorar a paixão e reavivar a vontade de reagir. O mundo

está num desencanto terrível e avassalador: quem será capaz de indicar rumos de esperança e motivar as pessoas a retomar o caminho da vida?

Uma curiosa anotação de Amadeo Cencini, afirma que a experiência de aprendizagem e de transmissão dos valores permite a verdadeira interiorização dos próprios valores.² Em outras palavras, o momento em que assumimos a missão é o momento mágico mais eficaz para uma autêntica personalização e conversão à mensagem que estamos transmitindo. Em outras palavras ainda, queremos seriamente retomar nossa caminhada carismática e sair do torpor que nos angustia? O primeiro passo é lançar-se com ousadia na missão, tornar-se companheiro e companheira da humanidade que está a caminho.

A ótica propriamente missionária da narração dos discípulos de Emaús tem seu ponto de vista a partir de Jesus, e não nos discípulos. Nele podemos colher o que o mundo espera de nós nesse tempo de profundas mudanças, de crise e de travessias epocais. A vida missionária "ad gentes e nas situações mais difíceis" é sem dúvida um dos papéis essenciais apontados pelo próprio papa Bento XVI para uma significativa relevância da VRC na conjuntura atual (cf. VD 94c). Diz respeito onde ela deve estar para verdadeiramente encontrar a si mesma. A partir da prática de Jesus junto aos discípulos de Emaús, podemos então delinear quatro dimensões programáticas dessa retomada essencial da missão para a Vida Religiosa Consagrada hoje: a missão como caminho; a missão como encontro; a missão como partilha e a missão como envio.

Conclusão

Iniciamos a nossa apresentação falando do caminho, portanto antes de tudo, é preciso estar a caminho. O caminho foi a imagem na qual as primeiras comunidades cristãs se identificaram. O próprio Jesus se identificou com o caminho: Ele disse "eu sou o caminho" e não "eu sou a partida ou chegada". Jesus, ao revelar-se caminhando, revela progressivamente também as metas da caminhada. Ele não revela o caminho sem revelar-se a si mesmo no caminho e na caminhada. Como religiosos descobrimos que somente no caminhar fazemos a experiência com o estranho, numa cultura estranha. Ao longo da

² . Segundo esse autor, a psicopedagogia da aprendizagem explica que nós recordamos e internalizamos: 10% do que lemos e ouvimos; 30% do que vimos e ouvimos; 50% do que discutimos com alguém; 60% do que experimentamos; 80% do que buscamos; 90% do que encontramos com esforço; 100% do que procuramos transmitir. Cf. CENCINI, Amadeo. A arte de ser discípulo. Ascese e disciplina: itinerário de beleza. São Paulo: paulinas, 2011, p. 58.

caminhada redefinimos os projetos missionários, seus meios e fins. Como aponta Paulo Suess:

Em cada etapa dessa caminhada voltam antigas e novas perguntas. São sinais da nossa subjetividade em construção e da busca do sentido. Só o sujeito faz perguntas, questiona a si e ao mundo. Afinal quem somos? A caminhada missionária é um aprendizado para conviver em paz com cada vez mais perguntas. No caminho se perde a ansiedade de encontrar respostas para tudo. Ao sair do “nosso” lugar, mudamos o olhar ao mundo e a perspectiva de vida. (SUESS, 2012:12).

Portanto, o desafio que como missionários enfrentamos nos dias hoje é: como fazer a tradição cristã interagir numa forma efetiva e respeitosa com os membros de outras culturas e religiões, em diversos cantos do nosso planeta, sem perder o dinamismo missionário. O que importa para nós como religiosos é caminhar e no caminho a gente se encontra com outros, mas cada um deve trilhar seu caminho. Devemos reconhecer no Ressuscitado o crucificado, assim como fizeram os discípulos de Emaús. Estar a caminho significa um andar desarmado na simplicidade e na pobreza, com os pés no chão da realidade dos nossos povos desesperançados. A mística da itinerância é feita de despojamento e liberdade, de leveza e sobriedade, de disposição e abertura de contínuos avanços e desalojamentos.